

■ POLÍTICA



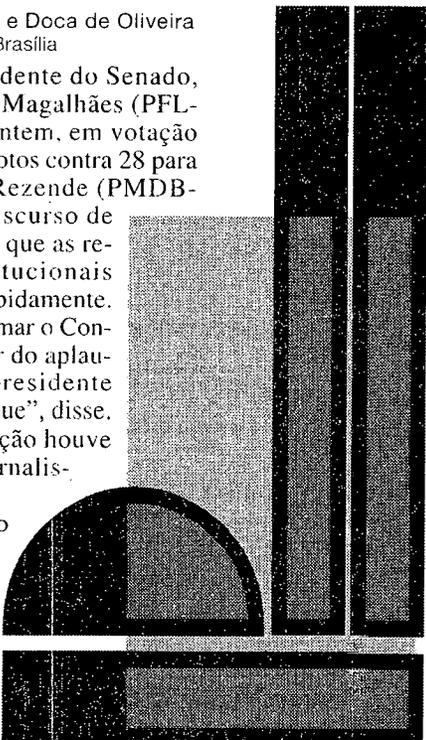
Eleito, ACM promete sintonia com o Executivo

“Vamos transformar o Congresso em credor do aplauso popular ao presidente Fernando Henrique”, diz o senador baiano

por César Felício e Doca de Oliveira de Brasília

O novo presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) foi eleito ontem, em votação secreta, por 52 votos contra 28 para o senador Íris Rezende (PMDB-GO). Em seu discurso de posse, prometeu que as reformas constitucionais serão votadas rapidamente. “Vamos transformar o Congresso em credor do aplauso popular ao presidente Fernando Henrique”, disse. Já na comemoração houve tumulto entre jornalistas e seguranças.

Segundo ACM, o principal objetivo do Congresso será manter uma sintonia total com o projeto do presidente Fernando Henrique Cardoso de reforma do Estado. “Acha-se aberta uma janela de possibilidades para a construção de um futuro. Temos que dotar o Executivo de poderes



tabeleceu, contudo, limites para a sua boa vontade com o governo. “O Executivo não vai fazer o que quiser aqui dentro”, afirmou.

Aproveitou para defender a re-

forma para a reforma do Estado que o povo reclama. Vamos votar com a rapidez que o povo espera”, afirmou. “Nem o Executivo, nem o Legislativo, se sentirão bem com uma demora que se tornará um impasse”, acrescentou.

Aos jornalistas, o presidente do Senado fez uma promessa de difícil realização: “Todas as reformas serão votadas aqui neste ano”, disse. ACM es-

tomada das discussões com Fernando Henrique para mudar a sistemática das medidas provisórias que, na prática, permitem que o Executivo legisle livremente sobre uma série de temas. “É preciso encontrar um meio-termo entre a posição radical dos que querem eliminar as MPs e o modelo atual. Talvez seja caso de editá-las com maior prazo de validade e trabalhar para que haja um menor número de reedições”, disse.

O primeiro incidente da gestão ACM ocorreu minutos depois de sua vitória. Ao sair do plenário, os seguranças que o cercavam reagiram com violência ao assédio da imprensa. Afastaram fotografos e cinegrafistas do novo presidente do Senado com socos e pontapés, que foram revidados, provocando tumulto generalizado. O senador baiano assistiu a tudo impassível, até ser levado para o gabinete da presidência. Em seguida, formou-se um cordão de isolamento para evitar que os jornalistas se aproximassem do local.

Com a derrota consumada, a

Presidência do
senado

52

ACM

28

ÍRIS

bancada do PMDB fez uma rápida reunião, da qual Íris não quis participar, e acertou a indicação do senador Ronaldo Cunha Lima (PB) para a primeira secretaria da Mesa Diretora. É o segundo cargo na hierarquia do Senado, ficando o primeiro secretário responsável pela condução da administração da Casa.

Os outros membros da mesa são: primeira-vice-presidência, Geraldo Melo (PSDB-RN), se-

gunda vice, Júnia Marise (PDT-MG), segunda secretaria, Carlos Patrocínio (PFL-TO), terceira secretaria, Flaviano Melo (PMDB-AC), quarta secretaria, Lucídio Portella (PPB-PI).

Já pensando na escolha das comissões permanentes da Casa, o PMDB trabalhava para fazer o senador Ney Suassuna (PB) o novo presidente da poderosa Comissão de Assuntos Econômicos. Todos os peemedebistas garantem que não procurarão saber quem foram os membros do partido que traíram Íris Rezende na reta final.

Com o apoio por escrito dos 22 senadores da legenda e dos onze senadores da oposição, Íris já sabia que seria derrotado na manhã da votação, mas contava em ter garantidos estes 33 votos e mais 2 ou 3 da base carlista. Teve apenas 28. “Esperava mais. Estou acostumado com vitórias e derrotas e sei sair de uma disputa sem mágoas”, limitou-se a comentar o senador goiano.

O seu mais fiel aliado no Senado, contudo, adotou um tom um pouco mais incisivo: “Antes da decisão do PSDB a favor de

ACM, contávamos com 42 votos. Depois, passamos a acreditar em 36. Agora, teremos o carnaval para decidir para onde vamos. A norma será não blefar e nem contar com forças que não temos”, afirmou o senador Mauro Miranda (GO), ao ser perguntado como fica o PMDB dentro da composição que sustenta o governo de Fernando Henrique.

A suspeita de traição interna pesa também dentro do bloco dos 11 senadores da oposição. Circulavam rumores dentro do PMDB de que o presidente nacional do PDT, Leonel Brizola, teria pedido aos três senadores da legenda (Júnia Marise, Sebastião Rocha e Darcy Ribeiro) que votassem em ACM. É claro que os pedetistas negam.

“É por este tipo de coisa que o voto secreto não deveria existir. A hipótese de traição fica pairando sobre todos nós”, afirmou o líder do bloco, o petista José Eduardo Dutra (SE), que não acreditou na possível defecção pedetista e fez questão de indicar Júnia Marise para compor a mesa diretora como representante do bloco.